



20-10-77
 Jornal da Tarde

Dois revistas novas sobre arte; também dois bons programas de tevê na área; um razoável número de livros; muitas exposições. Aqui, o crítico Jacob Klintowitz comenta apenas as boas realizações.

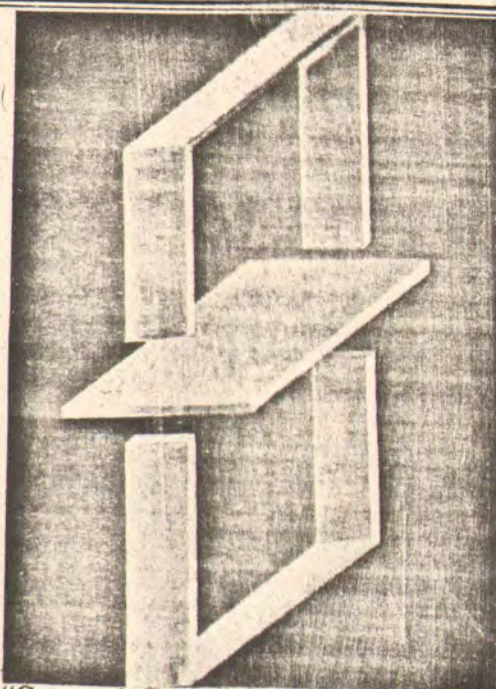
No balanço das artes, um saldo muito positivo.



As exposições comemorativas de Lasar Segall (acima, "Bananal", 1927) um dos bons acontecimentos de 1977.



Roberto Moriconi



"Campo de Força", de Roberto Moriconi



Dois desenhos de Fábio Magalhães (à esquerda). Em toda a mostra, uma reflexão inteligente sobre o tempo e o espaço.



Acima, "Formas Justapostas", xilogravura de Odetto Guersoni, uma presença segura e cheia de virtuosismos na Galeria Bonfigliori. Ao alto, obras de Moriconi, eleito um dos artistas do ano.

SCA/Lao

Foi um ano importante. Em 1977 houve o debate. Tudo foi posto em questão e se discutiu o construtivismo, a arte moderna, o papel da crítica, a realidade das vanguardas, a função e utilidade da Bienal, a situação dos museus, os artistas. É possível até dizer que houve uma indigestão de opiniões e encontros. Mas, nessas coisas, vale mais sobrar que faltar... Aqui apontar-se-ão as presenças individuais, as instituições, as publicações, e os fatos marcantes.

Primeiro, na área da comunicação. As novas revistas Arte Hoje (Rio Gráfica) e Arte Vogue (Carta Editorial Ltda.) suprem uma terrível lacuna no mercado brasileiro. Mas, infelizmente, suprem limitadamente. Arte Hoje é uma simples caudatária do mercado de arte, sem opiniões, revelações, novidades. É quase uma revista de amenidades. Arte Vogue, ainda não assumiu uma forma, e não oferece discussão intelectual. Certamente as duas revistas padecem dos males nacionais, inclusive da patente ausência de ensaístas. É um país onde se pensa pouco e se escreve menos ainda. Mas, a simples existência das duas revistas já é mérito suficiente.

A televisão Globo passou a entrar no mérito das questões visuais e a alimentar o seu telejornalismo com informações especializadas, o que beneficiou o setor de artes com um novo público e as possibilidades da tecnologia. E a Bandeirantes, com seu programa Informação-Ação, criou pelo menos dois grandes programas, um sobre Volpi e outro sobre Bienal.

Publicou-se mais, mas a maioria dos livros foram de louvação e encomenda. Não vale a pena falar nestes. Falemos nas vitórias. A melhor publicação de análise estética e consideração criativa foi a *Da Cor a Cor Inexistente*, de Israel Pedrosa (Léo Cristiano Editora). A obra mais ousada da nossa literatura especializada, pois discute a teoria da cor propondo novas idéias, restringindo o famoso Chevreul, reavaliando Goethe e a física ótica. Livro raro de aparecer em país ainda em desenvolvimento industrial e sem verbas para pesquisas. Nesse caso o autor, por seriedade pessoal, pesquisou 27 anos esse assunto.

Na área do depoimento pessoal, nada superior ao *Criatividade e Processo de Criação*, de Fayga Ostrower (Editora Imago). A artista discute a sua experiência de professora e artista, dedicada ao assunto da criatividade, entendido aqui como uma verdadeira escalada para a liberdade. Tanto um como o outro, péssimamente distribuídos. Como levantamento, o volume de Boris Kossov, *Hércules Florence* (Ed. Fac. Com. Soc. Amembí) é fundamental. Mais uma vez o autor contribui com esforço e anonimato para o conhecimento e a memória brasileira. Como livro-álbum, o *Thomas Ender* de Gilberto Ferri (Ed. Fun. Moreira Sales) esteve absoluto. Recuperou um artista importante para a história, a edição foi belíssima. Infelizmente o preço torna o livro inacessível, pois a edição popular custa Cr\$ 2.500,00.

Entre os autores estrangeiros, o destaque fica com a editora Perspectiva. A tradução mais esperada: *O Maneirismo*, de A. Hauser. Livro fundamental na historiografia moderna sobre arte. Todos já nos habituávamos a ler esse livro em espanhol... Na área do ensaio, o quase clássico de Octávio Paz, *Marcel Duchamp ou o Castelo da Pureza* enriqueceu o país com a beleza do pensamento e a inteligência do autor. Como é bom um pequeno e brilhante texto!

Entre publicações estrangeiras, a que nos interessou mais de perto foi a revista *Graphis*, nº 187, em grande parte dedicada ao Brasil. Achei discutível a seleção de obras, mas a principal revista do gênero, dedicar um número ao Brasil, propõe-se a analisar o nosso Grafismo e caminhos, é, independente de qualquer outra coisa, importante.

Como organização, o Museu de Arte de São Paulo, foi, de muito longe, a mais ativa. Detendo o principal acervo da América do Sul, um prédio especialmente construído e uma direção esclarecida, o MASP monopolizou a atividade, realizou as exposições mais importantes e foi um dos fulcros culturais da cidade. E de louvar-se, entretanto, o extraordinário esforço da Pinacoteca do Estado, com suas exposições, debates e reanálise do construti-

vismo. Apesar de ser um pouco incompreensível organizar um dificultoso *Projeto Construtivo* e dar a ele apenas 15 dias de exposição. O Museu de Arte Brasileira, com poucos recursos, pequenos acervo e má localização, realizou também profundo esforço. Uma atividade inesperada e profícua.

Na área das grandes presenças há a reavaliação do construtivismo no Brasil (Pinacoteca do Estado), exposições comemorativas de Lasar Segall (Museu Lasar Segall e Galeria Global) e a Retrospectiva de Anita Malfatti (Museu de Arte Contemporânea). E, como individualidades, Sérgio Camargo Frans Krajcberg, Fábio Magalhães, Ubirajara Ribeiro, Arcangelo Ianelli, Glauco Pinto de Moraes, Roberto Moriconi, Odetto Guersoni e Zélio Alves Pinto.

Ianelli (Galeria Cosme Velho), Sérgio Camargo (Galeria Artes Gráficas), e Krajcberg (Bienal) foram a reafirmação de artistas conhecidos e de grande contribuição para a arte brasileira. E aqui se aponta a obra e não, como no caso de Krajcberg, o seu inusitado e pouco urbano ataque histórico em torno de premiações. Odetto Guersoni (Galeria Bonfiglioli) e Hermelindo Fiaminghi (Galeria A Ponte) continuam uma obra segura e plena de virtuosismos, na demonstração clara de que a obra e a produção dos artistas independem dos movimentos, das pretensas lideranças críticas e do momento julgado "oportuno" para a geometria, para a vanguarda e todas as modas...

Fábio Magalhães (Galeria Seta) mostrou um desenho excepcional. Pleno de inteligência e consciência, fez reflexões sobre o tempo e o espaço. Ubirajara Ribeiro (Galeria Graphus) dedicou-se inteiro a explorar a sua expressividade, produzindo uma obra sofrida e requintada. Glauco Pinto de Moraes (M. Arte Brasileira) e Moriconi (Galeria Skultura) foram os escolhidos pela Associação Brasileira de Críticos de Arte como os artistas do ano. E Zélio (MASP) é o único representante de uma arte que usa o *mass media*, profundamente ligada ao processo de industrialização e comunicação do País.